



VICENTINHO, PT, São Paulo.

Associação às homenagens prestadas à memória de Zumbi dos Palmares. Extinção de preconceitos e discriminações contra a raça negra. Condenação do Brasil, pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos - OEA, em face da impunidade de crime de racismo praticado contra a Sra. Simone André Diniz. Criação de Frentes Parlamentares em defesa dos interesses da raça negra. Apresentação de projetos de lei em benefício do segmento social. Defesa de introdução da cultura africana nas escolas brasileiras. Importância da aprovação do Estatuto da Igualdade Racial. Apoio ao projeto de lei sobre o estabelecimento de cotas para ingresso de afro-descendentes no ensino superior. Saudação ao movimento negro nacional. Sessão de 29.11.2006 / DCD 30.11.2006, p. 52887

O SR. VICENTINHO (PT-SP. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, nesta semana em que se homenageia a memória de Zumbi dos Palmares, na qualidade de Deputado do Partido dos Trabalhadores, representando a comunidade negra, o único da bancada do Estado de São Paulo, não poderia deixar de fazer uma reflexão sobre tão importante data.

Em algumas cidades, o dia 20 de novembro é considerado feriado, o que, na minha opinião, é importante para a auto-estima das crianças negras, que aprenderão na escola a reverenciar um herói nacional negro, tal como elas. Isso mostra também que o Brasil caminha para novos tempos.

Espero que esta Casa aprove logo a instituição deste dia como feriado nacional, porque percebemos também que, apesar de alguns avanços, ainda persiste no Brasil a maldição chamada preconceito. Essa doença contaminou a nossa sociedade. Há preconceito nas escolas, no Congresso Nacional, nas famílias, nas elites brancas e até mesmo nas comunidades mais pobres.

A consequência disso é muito dura. De acordo com os dados oficiais, a comunidade negra continua ganhando salários mais baixos do que os percebidos pelos brancos. A situação da mulher negra é ainda mais grave porque ela é sempre a primeira a ser demitida do emprego e a última a ser contratada.



Não se vê general negro; há poucos bispos negros; também são poucas as secretárias negras; é difícil encontrar um garçom negro; as cozinhas estão cheias deles fazendo as melhores comidas. Está aí o preconceito.

Essa comunidade sofreu demais nas mãos do Estado brasileiro, na época da escravidão. Lamento que a história do negro no Brasil ainda seja contada a partir da escravidão e não a partir da sua origem, da vida dos seus ancestrais na África. Eram figuras nobres e viviam com dignidade e em paz com seus familiares, antes de lá serem arrancados e mandados para esta terra.

Nessa realidade já tão dura ainda existem segmentos da sociedade que permanecem discriminando de alguma forma a nossa raça. As piadas são exemplo disso. Também o vocabulário. Quando há um problema, diz-se que a situação está preta. Em casa, se o menino é bom, chamam-no de gênio; se o moleque dá trabalho, é a ovelha negra da família. Quando acontece algo maravilhoso, todos dizem "viva!"; quando acontece algo mau, dizem que é um momento negro.

Há heróis negros? No Brasil, não. A televisão brasileira não mostra nenhum. Lembro-me - e V.Exas. também devem lembrar - de como tipificam, nas novelas, o povo negro. Nos programas infantis, a mesma coisa.

No programa de televisão *Os Trapalhões*, era exatamente o negro Mussum que bebia; no desenho animado *Turma da Mônica* - e quero muito bem a Maurício de Sousa -, Cascão não gosta de tomar banho.

E, dessa forma, vão praticando a discriminação. Imaginem V.Exas. a situação da juventude negra que, na periferia, espera por igualdade. Mas sabemos que ninguém deve ser julgado pela cor da pele e, sim, por seu caráter.

Para testemunhar essa realidade, darei a V.Exas. notícia que nos entristece, mas é verdadeira. Trata-se de um caso de racismo.



O Estado brasileiro deve cumprir as recomendações da Organização dos Estados Americanos, mas, em 7 de novembro de 2006, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA publicou o relatório final do primeiro caso brasileiro de discriminação racial, decidido pelos órgãos do sistema interamericano de direitos humanos, no qual o Brasil foi condenado por não punir crime de racismo. O País é o primeiro no continente americano a receber punição dessa categoria.

Nesse relatório, a OEA reconhece a responsabilidade do País pelas violações cometidas contra Simone André Diniz, denunciadas em outubro de 1997 pelo Centro pela Justiça e pelo Direito Internacional, pela Subcomissão do Negro da Comissão de Direitos Humanos da OAB/SP e pelo Instituto Negro Padre Batista, com o qual este Deputado se relaciona ao direcionar verbas para ele, em virtude do trabalho que realiza, recolhendo jovens negros e abandonados na Praça da Sé e levando-os para estudar. Muitos deles chegam a se formar em Direito.

Esse instituto tem como advogados o Dr. Sinval José Firmo e a Dra. Maria da Penha, nossa irmã.

Passo a relatar os fatos: Simone André Diniz procurava emprego. No dia 2 de março de 1997, leu num anúncio dos classificados do jornal *Folha de S.Paulo* oferta de vaga para empregada doméstica. Uma das exigências era a de que a candidata fosse, de preferência, branca. Quando ligou para saber mais detalhes, perguntaram a cor de sua pele. Quando Simone disse a sua cor, foi informada que, por ser negra, não preenchia os requisitos.

Simone registrou queixa na Delegacia de Investigações de Crimes Raciais no mesmo dia.

Em depoimento à polícia, a mãe das crianças, a empregadora, confirmou que não queria uma empregada negra porque já havia contratado outra que



maltratara seus filhos. Ela disse também que não tinha preconceito porque, afinal de contas, o fato de seu marido ser negro era prova disso.

Com base nos depoimentos, a denúncia foi considerada inconsistente, apesar das provas irrefutáveis, como o próprio anúncio da *Folha de S.Paulo*.

O Ministério Público de São Paulo requereu o arquivamento do processo, sob o argumento de que o caso não configurava crime de discriminação racial. Tal manifestação foi acolhida pela Justiça, que determinou, assim, o arquivamento.

Após a decisão, o Instituto do Negro Padre Batista denunciou o caso à Comissão Interamericana de Direitos Humanos. No relatório apresentado pela OEA foram feitas 12 recomendações. Cito a Recomendação nº 7: *"adotar e instrumentalizar medidas de educação dos funcionários da Justiça e da Polícia, a fim de evitar que ações que impliquem discriminação nas investigações, no processo ou na condenação civil ou penal das denúncias de discriminação racial e de racismo"*. Entre outras recomendações importantes para a imprensa, que deve tomar esse tipo de cuidado.

Ora, senhores, estamos em pleno século XXI, mas esta é a realidade.

Parabenizo os Deputados pela criação de Frentes Parlamentares como o Núcleo de Parlamentares Negros do PT na Câmara e no Senado - NUPAN e a Frente Parlamentar em Defesa da Igualdade Racial, da qual participam mais de 150 Deputados, negros e brancos.

A luta contra o racismo não é só do negro, assim como a luta para combater a violência doméstica e contra a mulher não é somente da mulher, mas também da sociedade. Lutamos para combater qualquer tipo de discriminação, seja contra a pessoa gorda, seja contra a pessoa magra, seja contra a pessoa religiosa, seja contra origem ou a opção sexual das pessoas. Conquistaremos a paz quando a sociedade efetivamente não discriminar.



Agradeço muito aos Deputados que assinaram o pedido de criação da Frente Parlamentar em Defesa dos Quilombos. No próximo dia 6, na Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público, às 15h, definiremos a composição dessa Frente Parlamentar. Todos estão convidados a participar da reunião.

Os quilombos são ainda pior situação para o povo negro em nosso País. Mas eles são motivo de orgulho para os quilombolas, que não acreditam na dita sociedade moderna que tem causado dor a tanta gente, especialmente à comunidade negra.

Srs. Deputados, sou autor de 4 projetos de lei. O Projeto de Lei nº 5.882, de 2005, dispõe sobre a proteção do emprego às pessoas negras. Nas fábricas não há chefes negros. Muitas vezes, não há contratação de negros. É preciso criar política voltada para isso.

Outro projeto de minha autoria que gostaria muito de ver aprovado por esta Casa é o que introduz gradativamente na televisão brasileira o desenho animado brasileiro. Instituído a cultura da paz, da solidariedade e da não-discriminação, criaremos nova visão, já que os nossos filhos são hipnotizados por desenhos animados estrangeiros, que ocupam 100% dos espaços da nossa televisão e muitas vezes pregam a violência. Isso é muito grave.

O terceiro projeto dispõe sobre a construção de moradias para a comunidade negra. Pretendo com ele que esse povo sofrido seja assistido por política especial neste País que luta para ser decente.

O quarto projeto sugere ao Ministério da Educação uma reflexão sobre o *hip-hop*, o único movimento musical deste País que ainda protesta, mas é alvo de grande preconceito. Tem gente que diz que nunca ouviu ou, se ouviu, não gostou e não quer saber.



Esse é um movimento de jovens. Começou com a luta nos guetos norte-americanos, onde os jovens até se matavam e passaram a competir por meio da música. Esse movimento tomou conta do Brasil. Foi nele que o jovem negro se encontrou e adquiriu consciência. Não há nada reservado para os jovens da periferia.

Não devemos ter preconceito contra nenhum tipo de música. Gosto de forró, o ritmo da minha terra, mas também gosto de samba e de vários outros tipos de música.

Há diferença entre o *hip-hop* e o *funk*. Neste se usam expressões como "*um tapinha não dói*"; "*tô ficando atoladinha*", entre outras, que não promovem nenhuma conscientização. É preciso que a sociedade discuta e acolha essas realidades.

Quero parabenizar o Presidente Lula, que está na África. Aliás, é para onde S.Exa. mais tem ido. Tive a honra de com S.Exa. visitar 10 países daquele continente. Na primeira viagem à África, S.Exa. disse: "*Não viemos aqui explorar o continente africano; viemos prestar a nossa solidariedade*". Na segunda visita, conhecendo mais profundamente o país, disse: "*Não viemos aqui explorar; viemos pedir desculpas pelo que o Estado brasileiro fez com os africanos*". Numa outra vez, disse: "*Viemos pedir perdão*". Estávamos em visita à Ilha de Gorée, a Porta do Nunca Mais, onde os negros se despediam das suas famílias, chorando, desesperados, quando eram trazidos para o Brasil ou para outra parte da América.

Sr. Presidente, introduzir a cultura africana nas escolas é de extrema importância. Por que ensinar somente a cultura inglesa ou a norte-americana?

Lula está de parabéns por ter sido essa a primeira lei que assinou. Está de parabéns pela introdução de Ministros negros tanto no Supremo Tribunal Federal quanto no seu Ministério; pela criação da Secretaria Especial de



Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR, capitaneada pela grande Ministra Matilde Ribeiro, que, na minha opinião, deve continuar no cargo por seu importante trabalho e sua dedicação; pela criação do PROUNI, uma revolução no ensino superior - mais de 200 mil jovens indígenas e 63 mil jovens negros poderão tornar-se engenheiros, médicos e, portanto, contribuir com nosso País.

Esse aspecto é de extrema importância para que possamos desenvolver a nossa luta por um país melhor, com oportunidades iguais.

Caros Deputados, tramitam nesta Casa importantes projetos para este País. Um deles é o que trata da criação do Estatuto da Igualdade Racial. Também já apreciamos o Estatuto do Portador de Deficiência, o Estatuto do Idoso e o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Se o Estado constata que um segmento da sociedade sofre qualquer tipo de discriminação - da qual vêm a dor, a violência e o sofrimento -, há que considerar a criação de mecanismos que a eliminem, ainda mais quando se trata do povo negro. Foi o próprio Estado brasileiro que decretou a escravidão. Foi ele que usou poderes para tornar os negros escravos, alegando que não tinham alma. Alguns chegaram a dizer isso!

Ouçó, com prazer, o nobre Deputado Mauro Benevides.

O Sr. Mauro Benevides - Companheiro Vicentinho, quero destacar que o primeiro município a adotar a abolição da escravatura no País foi o de Redenção, no Ceará. Quando nos reencontramos com o Estado Democrático de Direito, ao elaborar a Carta de 5 de outubro de 1988, da qual foi primeiro signatário o inolvidável brasileiro Ulysses Guimarães, e eu, seu modesto colega, segundo signatário da nossa Lei Maior, fizemos questão de garantir expressamente o direito das minorias. V.Exa. vai encontrar o dispositivo que diz que serão asseguradas todas as garantias à criança, ao adolescente, ao



idoso, ao negro, à mulher, enfim. Já fizemos isso ser consignado na Carta Magna, para que nas legislações ordinária e complementar tivéssemos por inspiração esse princípio que V.Exa. agora defende, com pleno conhecimento de causa, oferecendo ao País, da tribuna da Câmara dos Deputados, demonstração positiva da identificação com a causa do negro no País. Comecei a ouvir o seu magnífico discurso ainda no meu gabinete, mas não me contive e vim ao plenário felicitá-lo. Nesse discurso extremamente correto e límpido V.Exa. extravasa o seu sentimento pessoal, que merece os nossos aplausos e os nossos encômios. Cumprimentos a V.Exa., Deputado Vicentinho.

O SR. VICENTINHO - Obrigado, Deputado Mauro Benevides, ex-Presidente do Congresso Nacional, grande tribuno, cuja história é cheia de dignidade. Incorporo as suas palavras ao meu discurso.

Nobre Deputado, conheço Redenção e o pároco da cidade, grande lutador. A cidade faz jus ao seu nome.

Ouçó, com prazer, a nobre Deputada Ann Pontes.

A Sra. Ann Pontes - Deputado Vicentinho, acabei sendo inspirada por V.Exa. e pelo Deputado que me antecedeu, Mauro Benevides, quando falou dos direitos das minorias assegurados na Constituição. Por V.Exa., quando aponta a possibilidade de criação de uma Frente Parlamentar para discutir a situação dos quilombos. É preciso dar concretude aos direitos previstos na nossa Constituição; possibilitar que os negros obtenham a posse definitiva de suas propriedades. Parabéns, Deputado Vicentinho! V.Exa. foi reeleito. Prossiga com o seu trabalho. É justo o seu pleito. Com certeza, este País será mais justo com todos sendo tratados de forma indistinta. Muito obrigada.

O SR. VICENTINHO - Obrigado, querida Deputada Ann Pontes.



Quero manifestar também o meu carinho e o meu respeito por V.Exa. e dizer que vamos sentir a sua falta nesta Casa, sobretudo na Comissão de Trabalho, onde tem labutado e contribuído tanto. A Casa vai perder Parlamentar importante. Mas V.Exa. voltará oportunamente, se Deus quiser.

Como dizia, Srs. Parlamentares, o Estatuto da Igualdade Racial não prevê nada de especial e não pretende colocar o negro em condição melhor do que a do branco. Muito pelo contrário. Não se refere somente ao povo negro, mas também aos indígenas, enfim, a qualquer etnia que sofra algum tipo de preconceito. Trata-se, no fundo, de incluir o Brasil, ainda neste milênio, entre os países que oferecem condições de igualdade e as mesmas oportunidades aos seres humanos, brancos e negros.

Lutamos em defesa do povo negro não porque queremos que seja superior aos demais. Queremos que o povo negro sente-se à mesa com o branco, que coma do mesmo pão, que partilhe dos destinos deste País, que decida, que sorria e que brinque. Não podemos - reafirmo - ser julgados pela cor da pele.

Também tramita nesta Casa projeto de lei de autoria do Poder Executivo que dispõe sobre a introdução do sistema de cotas no ensino superior, o que reafirma que não vai vigorar permanentemente, mas apenas por um momento, até que se consiga justiça social na escola.

Não é possível conceber que a maioria dos alunos que ingressam na USP ou em outra escola de nível superior pública seja oriunda da rede privada, pois tira o espaço dos que vêm da escola pública. É preciso conceder oportunidades iguais a todos.

Esse projeto é um gesto de solidariedade. Ninguém vai entrar no ensino superior pela porta dos fundos. As universidades que adotam o sistema de cotas reafirmam de maneira cabal e científica que os jovens que preencheram as vagas reservadas para esse fim têm aproveitamento igual ou melhor -



porque sabem da responsabilidade que têm - do que os que entraram por outros meios, como o vestibular, para mim, profundamente injusto.

Sras. e Srs. Deputados, queremos aprofundar a defesa desses importantes projetos, para que a sociedade siga importante caminho.

No momento em que se homenageia a memória de Zumbi dos Palmares, lembro-me de que acompanhei o Presidente Lula na visita que fez a um quilombo, na Serra da Barriga. O seu vôo atrasou na volta, e a assessoria do meu gabinete não pôde, aqui da Câmara, reservar a minha passagem. Então, tive de ir diretamente ao portão da TAM para comprar o bilhete. Chegando lá, a funcionária me pediu documentos, o que faz a todos. Até aí tudo bem. Estava em viagem oficial e lhe entreguei a carteira de Deputado, que V.Exas. conhecem, a que tem um brasão bonito. Normalmente, não uso essa carteira, mas na hora foi a que entreguei. Quando pegou a carteira de Deputado, a moça olhou para mim e perguntou: *"Mas a que horas ele vai chegar?"* Eu disse a ela que o Deputado era eu. Vejam como são as coisas, Srs. Deputados.

No dia da nossa posse, Deputado Adão Pretto, no Hotel Blue Tree Park, o companheiro Chico Alencar, que aqui está, mais 4 ou 5 Deputados e eu conversávamos, quando um cidadão, chacoalhando a chave do carro, chegou, olhou para todos e dirigiu-se a mim: *"Tome: vá pegar o meu carro porque estou atrasado"*. A minha mulher, que não tem papas na língua, disse: *"Está vendo, Vicente: preto de paletó e gravata, na porta deste hotel, só poderia ser manobrista"*.

Essas coisas acontecem comigo, um dirigente sindical conhecido no País inteiro. Imaginem V.Exas. o que acontece com os milhões de anônimos espalhados por aí.

Foi por isso que mataram o Dr. Ricardo, jovem dentista negro, no aeroporto de São Paulo. Acharam que ele ia assaltar alguém.



Foi por isso que mataram, no Rio de Janeiro, um jovem que ia de moto e parou o carro para socorrer o pai.

Isso está na mente das pessoas. É preciso abrir o coração. É preciso compreender que efetivamente somos todos iguais. Somos iguais inclusive na inteligência e na capacidade. Somos todos iguais porque também somos filhos de Deus. E este Congresso deve representar esse sentimento.

Que não sejam feitas manobras regimentais impedir a votação desses projetos! Que não venham dizer que são racistas e discriminadores! Só se for para discriminar positivamente. Os projetos ainda estão abertos ao debate.

Por isso, chamo os Parlamentares à reflexão sobre esta dura realidade. O problema ainda não está resolvido. Pergunto-me: onde estão os nossos heróis? Não existe herói negro. Como fica a criança sem um herói negro? É verdade que agora temos Zumbi. Mas quem são os heróis das revistas em quadrinho? Super-Homem; Mandrake, que tem um "vice-herói" negro, mas, coitado, não fala. Lembram-me aqui de Pelé. A carreira de Pelé, Ronaldinho e Robinho é a prova de que somos iguais.

Onde estão os heróis da África negra? Sabem quem são? Tarzan e Fantasma. No filme, foi preciso ocorrer um acidente no continente africano para que Tarzan se casasse com outra branca. V.Exas. percebem como essas histórias são apresentadas de maneira gradativa e cuidadosa?

Na condição de Presidente da CUT, fui falar no plenário do Banco Mundial sobre o desenvolvimento no Brasil. O único negro no evento era eu. Estavam presentes só grandes empresários. No final, um deles disse: "*Nossa, como você é inteligente!*" Como se isso não fosse possível.

Meus irmãos, gostaria de reforçar o convite para que participem do evento de criação da Frente Parlamentar em Defesa dos Quilombos.



Parabenizo os Deputados brancos e negros que têm assumido essa luta, especialmente o Deputado Luiz Alberto, que preside a Frente, e o Senador Paulo Paim, criador do Estatuto da Igualdade Racial, juntamente com outros Deputados, até do PFL.

Saúdo esta Casa, que toma todos os cuidados, em que pese às dificuldades. Às vezes me sinto improdutivo porque passamos o dia todo sem votar. Há tantos projetos importantes para votar, tantas respostas boas a dar à sociedade, tantos caminhos a serem percorridos!

Mas tenho certeza de que, se educamos as crianças em casa - porque criança não nasce racista: ela cresce com o conceito do pai -, quando se tornam adultas e exercem atividades militares, educacionais, políticas ou empresariais, adotam outra postura.

Saúdo o movimento negro nacional, a EDUCAFRO, grupo de jovens liderado por Frei Davi, que luta pelo direito da juventude negra de entrar na universidade. Saúdo o Sr. José Vicente, que, com seu jeito cuidadoso, politizado e diplomático, criou a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares e o Troféu Raça Negra. Aliás, quero agradecer de público por ter sido homenageado no último dia 19.

Quero homenagear também Abdias do Nascimento, ex-Senador da República, guerreiro que nos ensinou, em todos os momentos, a importância de termos orgulho da nossa condição, de não termos vergonha e de sorrirmos.

Homenageio também Nelson Mandela; o grande Martin Luther King, que disse não apenas a célebre frase "*eu tenho um sonho*", mas também que a pessoa não deve jamais ser julgada em razão da cor de sua pele, mas, sim, pelo seu caráter; e todos aqueles, sobretudo brasileiros, que hoje estão nos quilombos sofrendo, sem água, sem luz, sem moradia, sem alimentação, ou que perderam a vida por essa causa.



Devemos nos unir, porque se trata de uma luta de classe, do povo trabalhador.

Muito obrigado.